

CHRISTINA
LAUREN

Uma
segunda
chance

 FARO
EDITORIAL

CHRISTINA
LAUREN

Tradução Clarissa Growoski

Uma
segunda
chance

**TWICE IN A BLUE MOON COPYRIGHT © 2019 BY CHRISTINA HOBBS AND LAUREN BILLINGS
ALL RIGHTS RESERVED. PUBLISHED BY ARRANGEMENT WITH THE ORIGINAL PUBLISHER,
GALLERY BOOKS, A DIVISION OF SIMON & SCHUSTER, INC.
COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2022**

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem
autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**
Coordenação editorial **CARLA SACRATO**
Assistente editorial **JESSICA SILVA**
Preparação **DANIELA TOLEDO**
Revisão **BARBARA PARENTE e CRIS NEGRÃO**
Ilustração de capa e miolo: © **FREEPIK**
Capa, diagramação e projeto gráfico **VANESSA S. MARINE**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Jéssica de Oliveira Molinari CRB-8/9852

Lauren, Christina Uma segunda chance / Christina Lauren ; tradução de Clarissa Growoski. -- São Paulo : Faro Editorial, 2022. 256 p.
ISBN 978-65-5957-194-9 Título original: Twice in a Blue Moon
1. Ficção norte-americana I. Título II. Growoski, Clarissa
22-2040 CDD 813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana



1ª edição brasileira: 2022

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 - Sala 310

Alphaville — Barueri — SP — Brasil

CEP: 06473-000

www.faroeditorial.com.br

um



JUNHO

Catorze anos atrás

VOVÓ SE VIROU PARA INSPECIONAR O QUARTO do hotel. Com seus olhos escuros e atentos, examinou a decoração em bege e vermelho, os quadros genéricos e a televisão que ela, sem dúvida, achava que não combinava com a bela cômoda em que estava. Nunca na minha vida estive em um quarto tão chique, mas sua expressão, ao observar tudo, dizia: *pelo valor, eu esperava mais.*

Mamãe sempre descreveu essa expressão como *cara de ameixa seca*. Era adequada. Minha avó — com apenas sessenta e um anos — realmente se parecia com uma fruta seca quando ficava brava.

Como se, naquele exato momento, ela fizesse uma cara feia como se tivesse acabado de comer algo azedo.

— Tenho vista para a *rua*. Se eu quisesse olhar para uma rua, poderia ter ficado em casa, em Guerneville. — Ela piscou, indo da cômoda para o telefone na escrivaninha. — Não estamos nem do lado certo do prédio.

Oakland, para Nova York, para Londres. Pousamos pouco mais de uma hora atrás. No trecho mais longo, nossos assentos ficaram no meio de um grupo de cinco, na primeira fileira da cabine. De um lado estava um homem mais velho e franzino, que logo adormeceu no ombro de vovó, e do outro, uma mãe com uma criança. Quando estávamos finalmente acomodadas no quarto, eu só queria uma refeição, um cochilo e um pequeno espaço silencioso longe da vovó, a ameixa seca.

Mamãe e eu morávamos com vovó desde que eu tinha oito anos. Eu sabia que ela podia ser uma pessoa agradável; tive provas disso todos os dias nos últimos dez anos. Mas naquele momento, estávamos longe de casa, bem fora de nossa zona de conforto, e vovó — dona de um café em

uma cidade pequena — detestava gastar seu suado dinheiro e não receber exatamente o que foi prometido.

Estava olhando pela janela quando um táxi preto bem europeu passou zunindo.

— Mas *é* uma rua bem legal.

— Paguei por uma vista do *Tâmisa*. — Ela percorreu a lista de ramais do hotel com o dedo, e meu estômago se contraiu em uma bola de culpa com a lembrança de que essas férias eram as mais extravagantes do que qualquer coisa que já tínhamos feito. — *E* do Big Ben.

O tremor de sua mão significava que ela estava calculando tudo o que poderia ter feito com aquele dinheiro, caso tivéssemos ficado em um lugar mais barato.

Por hábito, puxei um fio da barra da minha camisa e o enrolei em volta do dedo até fazer a ponta pulsar. Vovó bateu na minha mão antes de se sentar à escrivaninha, respirando, impaciente, enquanto tirava o telefone do gancho.

— Sim. Olá — ela disse. — Estou no quarto 1288 e trouxe a minha neta de... sim, isso mesmo, Judith Houriet.

Olhei para ela. Ela disse Judith, não Jude. *Jude* Houriet fazia tortas, servia os mesmos clientes fiéis desde que abriu sua cafeteria aos dezenove anos e não se importava quando alguém não podia pagar por uma refeição. *Judith* Houriet era, pelo visto, muito mais sofisticada: ela viajou para Londres com a neta e, sem dúvida, merecia a vista do Big Ben que haviam prometido.

— Como eu estava dizendo — ela continuou —, estamos aqui para comemorar o aniversário de dezoito anos dela e eu reservei um quarto com vista para o Big Ben e o Tâm... sim. — Ela se virou para mim, sussurrando de uma maneira bem audível: — *Agora estou na espera.*

Judith nem parecia minha vovó. Era isso que acontecia quando saíamos do casulo da nossa cidade? Essa mulher na minha frente tinha as mesmas curvas suaves e as mãos robustas de uma trabalhadora, mas usava uma jaqueta preta com ombreiras, que eu sabia que Jude mal podia se dar ao luxo, e não estava com seu onipresente avental xadrez amarelo. Jude prendia o cabelo em um coque com um lápis enfiado nele; Judith estava com o cabelo escovado e arrumado.

Quando quem estava do outro lado da linha voltou, percebi que não trazia boas notícias. As frases “Bem, isso é inaceitável”, e “Posso *garantir* que vou reclamar”, e “Espero um reembolso da diferença nas tarifas dos quartos” me disseram que estávamos sem sorte.

Ela desligou e exalou fundo e devagar. Eu estava entediada e irritada, e ela estava sem paciência comigo. Pelo menos desta vez eu sabia que não era eu a razão por trás de seu mau humor.

— Estou muito agradecida — falei, baixinho. — Mesmo neste quarto.

Ela soltou outro suspiro e olhou para mim, relaxando um pouco.

— Bem, vamos ver o que poderemos fazer a respeito.

Duas semanas com a vovó em um quarto de hotel minúsculo, onde ela com certeza reclamaria da pouca pressão da água ou do colchão macio demais ou do preço de tudo.

Mas duas semanas em *Londres*. Duas semanas de aventura, explorando e acumulando o máximo de experiência que eu pudesse antes que minha vida ficasse pequena de novo. Duas semanas vendo lugares que eu só conhecia através de livros ou que tinha visto na TV. Duas semanas assistindo a algumas das melhores produções teatrais do mundo.

Duas semanas sem estar em Guerneville.

Lidar com um pouco de mau humor da *ameixa seca* valia a pena. Me levantei, coloquei a mala na cama e comecei a desfazê-la.

DEPOIS DE UMA CAMINHADA PELA Ponte de Westminster e pelo imponente Big Ben — eu pude sentir *de verdade* os sinos reverberando bem no meu peito —, nos infiltramos na escuridão de um pequeno *pub* chamado *The Red Lion*. Lá dentro cheirava a cerveja choca, gordura velha e couro. Vovó espiou em sua bolsa para se certificar de ter trocado dinheiro suficiente para o jantar.

Algumas pessoas passavam perto do bar, gritando para a televisão, mas fora isso, os únicos presentes ali para uma refeição às cinco da tarde eram alguns homens sentados perto da janela.

Quando vovó falou com uma voz forte e com o nítido sotaque americano “uma mesa para dois, por favor. Perto da janela”, o mais velho dos dois homens se levantou abruptamente, fazendo a mesa se arrastar na direção de seu companheiro.

— Com vista para o lago também? — ele gritou. Ele tinha mais ou menos a idade de vovó, era alto e musculoso, o cabelo preto com alguns fios grisalhos e um bigode farto. — Acabamos de fazer o nosso pedido. Por favor, venham se sentar com a gente.

O pavor de vovó era visível na curva suave de seus ombros.

Ela dispensou o homem que nos recebeu, pegou os cardápios de sua mão e nos conduziu para a mesa deles perto da janela.

— Luther Hill. — O homem mais velho estendeu a mão para vovó. — Este é o meu neto, Sam Brandis.

Vovó apertou sua mão com cautela.

— Jude. E esta é a minha neta, Tate.

Luther fez um movimento para apertar minha mão, mas eu não estava prestando muita atenção. Sam estava ao meu lado, e só de olhar para ele foi como se um terremoto tivesse me sacudido, da mesma forma como os sinos do Big Ben haviam reverberado em mim mais cedo. Se Luther era alto, Sam era uma sequoia, um arranha-céu, largo como uma estrada.

Ele se abaixou um pouco para tirar minha atenção de seu peito e sorriu para mim de um jeito que imaginei ter sido criado para tranquilizar as pessoas de que ele não quebraria a mão delas quando as apertasse.

Ele encostou sua palma na minha e apertou com cuidado.

— Oi, Tate.

Ele era lindo, mas imperfeito o suficiente para parecer... perfeito. Seu nariz já tinha sido quebrado e havia uma pequena saliência na parte superior. Ele tinha uma cicatriz em uma das sobrancelhas e outra no queixo — uma vírgula minúscula e recortada abaixo do lábio. Mas havia algo na sombra que ele projetava, em seu peso sólido e em todo seu conjunto — cabelo castanho-claro, olhos castanho-esverdeados bem separados e lábios macios — que tive a impressão de que meu coração ecoava na garganta. Senti que poderia ficar olhando seu rosto pelo resto da noite e ainda encontrar algo novo pela manhã.

— Oi, Sam!

A cadeira de vovó chiou desafinada no chão de madeira, e eu desviei o olhar para Luther ajudando-a a se sentar. Apenas duas semanas antes, terminei um relacionamento de três anos com Jesse — o único garoto da minha cidade que eu já tinha considerado digno de afeto. Garotos eram a última coisa em minha mente.

Não eram?

Londres não era para ter a ver com garotos. Tratava-se de estar em um lugar com museus, e história, e pessoas que foram criadas em uma cidade grande, e não numa cidadezinha abafada, à beira de um rio ladeado de árvores. O objetivo era fazer tudo o que a vovó sempre sonhou em fazer ali. Era para ser uma aventura extravagante antes que eu voltasse para as sombras e começasse a faculdade, em Sonoma.

Mas parecia que Sam não havia recebido a mensagem mental de que Londres não tinha a ver com ele, porque embora eu tivesse desviado

o olhar, podia sentir a maneira como ele ainda estava me observando. E ainda estava segurando minha mão. Olhamos para baixo ao mesmo tempo. Sua mão parecia pesada como uma pedra ao redor da minha. Ele a soltou devagar.

Sentamos juntos à mesa estreita. Vovó na minha frente, Sam à minha direita. Vovó alisou a toalha de linho com a mão avaliadora, franzindo os lábios. Eu sabia que ela ainda estava brava por causa da vista do quarto e mal conseguia reprimir a necessidade de se expressar sobre o assunto, de ouvi-los confirmar que ela estava certa em se opor contra essa injustiça.

Na minha visão periférica, reparei os longos dedos de Sam pegando e envolvendo seu copo de água.

— Então. — Luther se inclinou, fazendo barulho ao puxar o ar pelo nariz. — Há quanto tempo estão na cidade?

— Na verdade, acabamos de chegar — eu disse.

Ele olhou para mim, sorrindo por baixo do bigode espesso e velho.

— De onde vocês são?

— Guerneville — esclareci —, cerca de uma hora ao norte de São Francisco.

Ele largou a mão na mesa com tanta força que vovó se assustou e a água dele fez ondas dentro do copo.

— São Francisco! — O sorriso de Luther se alargou, exibindo uma coleção de dentes irregulares. — Tenho um amigo lá. Já conheceu o Doug Gilbert?

Vovó hesitou, sobranceiras franzidas, antes de dizer:

— Nós... não. Não o conhecemos.

— A menos que ele já tenha ido para o norte em busca da melhor torta de amora da Califórnia, provavelmente não nos cruzamos — eu disse, orgulhosa, mas vovó franziu a testa para mim como se eu tivesse acabado de dar alguma informação pessoal escandalosa.

Os olhos de Sam brilharam com divertimento.

— Ouvi dizer que São Francisco é uma cidade muito grande, vô.

— É verdade, é verdade. — Luther riu disso, de si mesmo. — Temos uma pequena fazenda em Eden, Vermont. Todo mundo se conhece lá.

— Com certeza sabemos como é isso — vovó disse, educada, antes de dar uma olhada discreta no menu do jantar.

Tive dificuldade em encontrar algo para dizer e nos fazer parecer tão amigáveis quanto eles.

— O que vocês produzem?

— Laticínios — Luther disse com um sorriso radiante e animador. — E como todo mundo, também cultivamos um pouco de milho e maçãs. Viemos para cá para comemorar o aniversário de vinte e um anos do Sam, que foi três dias atrás. — Luther se esticou sobre a mesa, segurando a mão de Sam. — O tempo voa, é o que eu sempre digo.

Vovó finalmente ergueu a cabeça.

— Minha Tate acabou de terminar o ensino médio. — Um arrepio desceu pela minha espinha com a forma que ela enfatizou minha idade, lançando um olhar incisivo para Sam. Ele podia ter o dobro do meu tamanho, mas vinte e um são apenas três anos a mais do que dezoito. — Ela vai começar a faculdade no outono.

Luther expeliu uma tosse úmida no guardanapo.

— Onde?

— Em Sonoma — eu disse.

Ele parecia estar preparando uma pergunta complementar, mas vovó acenou com impaciência para o garçom.

— Vou querer peixe com fritas — ela ordenou, sem esperar que ele parasse por completo à mesa. — Se puder colocar em pratos separados, agradeço. E uma salada, sem tomate. Cenouras apenas se não forem raladas.

Observei os olhos de Sam e registrei certa diversão simpática. Eu queria explicar que ela é dona de um restaurante, mas odeia comer fora. Ela é exigente o suficiente para que sua comida seja perfeita, mas nunca confia em ninguém para fazer o mesmo. Depois que ele me deu um sorrisinho, nós dois desviamos o olhar.

Vovó ergueu a mão para impedir que a atenção do garçom se voltasse para mim.

— E molho à parte. Além disso, vou querer uma taça de vinho e água gelada. *Com gelo*. — Ela baixou a voz para comentar comigo, mas não tão baixo para que os outros também não escutassem: — Os europeus têm uma coisa com gelo que eu nunca vou entender.

Com uma pequena careta, o garçom se virou para mim.

— Senhorita?

— Peixe com fritas. — Sorri e entreguei a ele o menu.

O garçom saiu e um silêncio tenso e consciente se instalou antes de Luther se recostar na cadeira, soltando uma gargalhada.

— Olha só. Acho que sabemos quem é a princesa!

Vovó fez cara de ameixa seca. Que maravilha.

Sam se inclinou para a frente, apoiando os braços fortes na mesa.

— Vocês vão ficar quanto tempo aqui?

— Duas semanas — vovó respondeu, tirando o desinfetante para as mãos da bolsa.

— Estamos viajando por um mês — Luther disse e, a seu lado, Sam pegou um pedaço de pão da cesta no centro da mesa e o colocou na boca de uma só vez. Fiquei preocupada que eles tivessem feito seus pedidos há um tempo e que nossa chegada fosse atrasar a entrega de suas refeições. — Vamos ficar aqui por algumas semanas também — Luther continuou —, e então vamos para outra cidade. Onde vocês estão hospedadas?

— No hotel Marriott. — Minha voz tinha a mesma reverência que eu usaria para dizer a ele se estivéssemos em um castelo. — Bem perto do rio.

— Sério? — Os olhos de Sam dispararam para minha boca e depois para meu rosto. — A gente também.

A voz de vovó interrompeu como uma navalha:

— Sim, mas vamos sair assim que pudermos.

Fiquei de boca aberta e senti uma irritação subir com amargura pela garganta.

— Vovó, a gente não...

— Vai mudar de hotel? — Luther perguntou. — Por que diabos vocês sairiam de lá? É lindo, histórico. Tem a visão de tudo o que você poderia desejar.

— Nosso quarto não. Na minha opinião, é inaceitável pagar o que estamos pagando por duas semanas só para olhar para uma fila de carros estacionados. — Ela imediatamente devolveu o copo de água ao garçom quando ele o colocou na frente dela. — Gelo, por favor.

Ela está cansada, lembrei a mim mesma e respirei fundo. *Ela está estressada porque é caro, e estamos longe de casa, e mamãe está sozinha lá.*

Observei o garçom se virar e voltar para o bar. Fiquei mortificada com suas demandas e seu humor. Uma bola pesada e apertada se revirou dentro do meu estômago, mas Sam riu, tomando outro gole de água, e quando olhei para ele, ele sorriu. Ele tinha meu tipo favorito de olhos: verde-musgo com um quê de malícia.

— Esta é a primeira vez da Tate em Londres — vovó continuou, pelo visto ignorando o fato de que era sua primeira vez ali também. — Planejei durante anos. Ela tinha que ter uma vista para o rio.

— Tem razão — Sam disse, baixinho, e acrescentou sem hesitação: — Vocês deveriam ficar com o nosso quarto no vigésimo andar. Temos vista para o rio, para a Roda do Milênio e para o Big Ben.

Vigésimo andar. O mesmo que o nosso.

Vovó ficou pálida.

— Imagina.

— Por que não? — Luther perguntou. — Quase nunca estamos lá. As melhores vistas estão do lado de fora, quando estamos passeando.

— Bem, é claro que não vamos ficar no *quarto* o tempo todo — vovó protestou, na defensiva —, mas achei que como estamos pagando...

— Eu insisto — Luther interrompeu. — Depois do jantar, vamos trocar de quartos. Está resolvido.

— NÃO GOSTO DISSO. — VOVÓ se sentou perto da janela, enquanto eu enfiava todas as roupas de volta na mala. Com a bolsa no colo e a mala feita aos pés, ela já tinha concordado em trocar de quarto, só precisava fazer uma demonstração de protesto. — Quem oferece abrir mão da vista do rio e do Big Ben pela vista da rua?

— Eles parecem legais.

— Primeiro, nós nem os conhecemos. Segundo, mesmo com homens *legais*, você não é obrigada a fazer o que eles sugerem.

— Obrigada? Eles estão só trocando de quarto com a gente, vovó, não nos pagando por sexo.

Vovó voltou o rosto para a janela.

— Não seja boba, Tate. — Ela mexeu na cortina de organza por alguns segundos silenciosos. — E se eles descobrirem quem você é?

Pronto, lá estava. A razão número um por eu nunca ter viajado para além do leste do Colorado até hoje.

— Já tenho dezoito anos. Isso ainda importa?

Ela começou a discutir, mas eu levantei a mão, me rendendo. Era tão importante para a vovó que eu permanecesse escondida que não valia a pena argumentar.

— Só estou dizendo — falei, fechando o zíper da mala e rolando-a em direção à porta. — Eles estão sendo legais. Vamos ficar aqui por duas semanas, e olhar para aquela rua vai te deixar louca. O que significa que vai me deixar louca também. Vamos aceitar a troca. — Ela não se moveu e eu me aproximei dela. — Vovó, você sabe que quer a vista. Por favor.

Finalmente ela se levantou e, antes de me guiar para fora, disse:

— Se isso for deixar você mais feliz...

Sáímos e ficamos em silêncio enquanto carregávamos as malas, e as rodas tropeçavam nas costuras do tapete grosso no mesmo ritmo.

— Só quero que suas férias sejam perfeitas — ela disse, por cima do ombro.

— Eu sei, vovó. Eu quero que as suas sejam também.

Ela arrumou a bolsa no ombro e eu senti uma pontada de excesso de proteção.

— É a nossa primeira viagem a Londres — disse ela — e...

— E vai ser incrível, não se preocupe.

O café ia bem para um local aberto em uma cidade pequena, mas tudo era relativo. Nunca havíamos nadado em dinheiro. Eu não conseguia nem imaginar quanto tempo tinha levado para ela economizar para essa viagem. Quer dizer, eu havia visto a programação dela e estava lotada: museus, lojas, shows, jantares. Íamos gastar mais em duas semanas do que a vovó provavelmente gasta em um ano.

— Só de estar aqui já me sinto superanimada — eu disse.

Sam e Luther saíram do quarto. Luther carregava uma mala e Sam tinha uma mochila pendurada no ombro. Mais uma vez, senti um estremecer físico e estranho ao vê-lo. Ele parecia preencher todo o corredor. Vestia uma camisa xadrez azul e surrada sobre a camiseta que havia usado mais cedo, mas em algum momento tinha tirado o tênis verde e agora andava pelo corredor só de meias. Foi estranhamente escandaloso.

Sam ergueu o queixo para me cumprimentar e sorriu ao me ver. Não sei se foi o sorriso ou as meias — a insinuação de ele ficar despido —, mas um arrepio percorreu minha espinha.

Estou aqui por causa dos museus e da história.

Estou aqui pela aventura e pela experiência.

Não estou aqui por causa de garotos.

Sam estava bem ali, a três, dois, um metro de distância. Ele bloqueou a luz ambiente que entrava por algumas janelas estreitas — eu mal alcançava seu ombro. Era essa a sensação de ser uma lua orbitando um planeta muito maior?

— Obrigada de novo — murmurei.

— Imagina. — Seus olhos me seguiram enquanto passávamos. — Qualquer coisa para fazer você sorrir.

O NOVO QUARTO ERA EXATAMENTE IGUAL ao anterior, exceto por um detalhe importante: a vista. Vovó desfez a mala, pendurou as roupas no armário e alinhou a maquiagem e os cremes no amplo balcão de granito. Seu *blush* de farmácia e suas paletas de sombras pareciam empoeiradas e desbotadas no balcão preto.

Em apenas alguns minutos, ela estava na cama, começando seu ritual de creme para os pés, ajuste do alarme e leitura. Mas, apesar da diferença de fuso horário e do longo voo, eu estava agitada. Estávamos em Londres. Não era uma cidade perto de casa — estávamos mesmo do outro lado do oceano. Eu me sentia exausta, mas de um jeito acelerado e alvorçado que me fazia não querer dormir. Na verdade, achei que nunca mais fosse querer dormir de novo. Sabia que se fosse para a cama agora, minhas pernas iriam brigar com os lençóis: quente, frio, quente, frio.

Qualquer coisa para fazer você sorrir.

Odiava admitir, mas vovó estava certa: a vista era espetacular. Isso me fez querer escapulir como uma sombra na noite e explorar. Bem ali, do lado de fora da janela, ficava o Tâmis e o Big Ben, e logo abaixo havia um jardim muito bem cuidado. Estava tudo escuro, apenas algumas luzinhas e sombras esvoaçantes. Parecia um labirinto de gramado e árvores.

— Acho que vou sentar lá fora e ler um pouco — eu disse, pegando um livro e tentando esconder como eu me sentia agitada. — Ali no jardim.

Vovó me analisou por cima dos óculos de leitura, as mãos habilidosas sendo esfregadas com creme.

— Sozinha? — Concordei com a cabeça, e ela hesitou antes de acrescentar: — Não saia do hotel. E não fale com ninguém.

— Pode deixar — respondi em um tom calmo.

A verdadeira orientação permaneceu implícita em seus olhos: *Não fale sobre seus pais.*

Devolvi a resposta também com o olhar: *E alguma vez eu fiz isso?*

EU PODERIA BEBER LEGALMENTE NA INGLATERRA, e parte de mim queria mesmo dar uma escapulida até o bar do hotel, pedir uma cerveja e imaginar o dia em que estaria ali sozinha, livre de mamãe, e da vovó, e do peso de seus passados, e do fardo de suas expectativas. Me perguntei se minha aparência se encaixaria lá... ou se era mais como uma adolescente rebelde tentando parecer adulta. Olhando para minha calça jeans apertada, o cardigã folgado, os tênis surrados, acho que já dava para saber a resposta.

Então, com o livro nas mãos, contornei o bar e saí pelo amplo conjunto de portas no térreo. O jardim era adorável: tinha aquele aspecto arrumado e bem cuidado que fazia parecer que os arbustos eram trazidos à noite, pois eram preciosos demais para ficarem expostos de dia. Havia luzes amareladas em intervalos iguais, cada uma iluminando um cone de

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br

Campanha



FiqueSabendo

Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

Faça o teste. Não fique na dúvida!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM AGOSTO DE 2022